

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo Class.: 22

Data: 14.11.73

Pg.: _____

— Os "Caras-Pretas" tinham metade das vacas do Dorival Roriz e estavam preparando a carne no pasto quando os vaqueiros chegaram de surpresa. Foi uma correria danada e os índios fugiram abandonando tudo. Foram recolhidos quase 90 flechas, muitos arcos e mais de uma dúzia de redes de dormir. O Pio, depois, me deu a flecha de presente, mas, se o senhor quiser, pode ficar com ela.

Apesar do comerciante afirmar que naquela ocasião, em outubro do ano passado, não houve luta entre índios e vaqueiros, a sua história é estranha, levando-se em conta o valor que as flechas têm para os Avá-Canoeiros. São preparadas com pontas de metal aproveitadas de velhos tambores de gasolina ou latas abandonadas. Pacientemente os índios, que não dispõem de instrumentos de corte, trabalham o metal dando-lhe a forma de faca com uma perfeição artesanal surpreendente. Assim, todos acham muito estranho que os índios tenham abandonado tal quantidade de flechas e de redes sem que tenha havido uma confrontação violenta entre os dois grupos.

Outro morador de "Dorilandia", o vaqueiro Anízio Ribeiro, cuja lepra já vai devorando os dedos das mãos, conta que os Canoeiros já lhe roubaram três burros de carga ("que ainda nem estavam pagos") e andam sempre acompanhados de uma moça loira, provavelmente a menina raptada ao agricultor Joaquim Lima, há cerca de 20 anos:

— Foi no início do ano, mais ou menos, que avistei os "Caras Pretas" e quase me danei de medo, não tenho vergonha de contar, não. Eu estava recolhendo um gado que andava pelo pasto quando resolvi desmontar para ir no mato. Vi um grupinho deles andando pela trilha com umas duas ou três mulheres. Uma delas era branca, de cabelos loiros e muito compridos, quase batendo pela cintura. Tudo sem roupa, que nem anjo... A loira era lindíssima, mas, para dizer a verdade, o medo foi mais forte do que a tentação de ficar espiando aquela beleza de mulher. Assim que eles se perderam no mato corri para a minha montaria e cai na estrada, tocando a mula na espora, correndo mais do que o vento...

Apolado nessas informações, apesar de muitas vezes contraditórias e plenas de fantasia, é que o sertanista Apoena de Meirelles começará, a partir da próxima semana, a operar na fazenda Lago Bonito, vasculhando com cuidado toda a Mata Azul. Ali, instalará alguns tapiris com presentes aos Canoeiros: facas, machados, panelas e facões. Nenhum utensílio que não possa ter utilidade para o índio.

Para deslocar-se de Canuanã à Fazenda Lago Bonito, Apoena não poderá contar mais com o velho e útil jipe. A região já começa a ser alagada pelas águas que transbordam dos rios Javaés e Caracol. Por isso, o sertanista terá que se locomover, por uma distância de aproximadamente 100 quilômetros, sobre o lombo de burros, o único meio capaz de vencer o terreno. Na Mata Azul, Apoena sabe que terá que suportar um verdadeiro jogo de paciência, pois qualquer precipitação colocaria a perder irremediavelmente o seu trabalho. A paciência é, na realidade, a única alternativa que lhe resta:

— Esses índios não têm aldeia nem lugar fixo para estacionar. Nosso único ponto de referência com relação à sua localização é a Mata Azul, agora nas chuvas. Nessa época, é certo, diminui sensivelmente a capacidade de resistência do grupo, pois não há caça e eles tem que se aventurar a abater alguns bois na fazenda, facilitando, ao que tudo indica, a possibilidade do encontro. É dessa circunstância dolorosa que teremos de nos aproveitar. Eles precisam ser atraídos e contatados o quanto antes. Nesse caso, a atração, paradoxalmente, significa o único meio capaz de permitir que eles não desapareçam física e culturalmente.